



## A FORMAÇÃO DO PROFESSOR FORMADOR DE LEITORES E O TEXTO INFANTO-JUVENIL

Naiani Borges Toledo<sup>71</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

431

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar por meio de pesquisas bibliográficas como está se desenvolvendo a teoria e a prática do ensino da literatura infanto-juvenil e a importância desses textos para ampliar nos alunos o gosto pela leitura e o senso crítico, haja vista que o letramento literário difere de todos os demais, pois propicia ao estudante torna-se um sujeito apto a refletir sobre as situações que o rodeiam e a participar e transformar as realidades existentes, dessa forma, exercendo efetivamente a sua cidadania. Para melhor compreensão do tema será analisado a história da leitura em um contexto geral e também especificamente no contexto brasileiro e por fim ponderaremos também sobre a relevância da formação do professor que será formador de leitores e de seu papel como mediador.

**Palavras-chave:** Leitura; Letramento; Literatura infanto-juvenil; Mediação.

**Abstract:** This article aims to analyze through bibliographical researches how the theory and practice of teaching children's literature are being developed and the importance of these texts to expand in the students the taste for reading and the critical sense, given that the literary literacy differs from all others, because it allows the student becomes a subject able to reflect on the situations that surround him and to participate and transform the existing realities effectively exercising his citizenship. For a better understanding of the theme, we will analyze the history of reading in a general context and also specifically in the Brazilian context and finally we will also consider the relevance of the teacher's academic education that will be a teacher's reading and its role as mediator.

**Key words:** Reading; Literacy; Children's literature; Mediation.

### Considerações iniciais

---

71 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras - Área de Concentração: Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados -Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail para contato: [naianibt@hotmail.com](mailto:naianibt@hotmail.com)



Conhecemos a importância da leitura para o desenvolvimento do pensamento crítico de um indivíduo e sabemos também que a literatura apresenta as aflições que as sociedades possuem e diferentes perspectivas dessas adversidades que ocorrem na coletividade. Exatamente por isso a leitura de textos literários é fundamental na formação de um cidadão e é imprescindível que o contato com os livros comece cedo, daí surge a relevância da literatura infanto-juvenil.

No decorrer dos anos as sociedades e as condições de produção foram sendo alteradas a escrita deixou de ser em rolos de pergaminhos e passou a ser em livros impressos e atualmente pode ser encontrada dentro de diversos aparelhos eletrônicos; o que não mudou foi o fato da leitura ir muito além do texto e do papel do professor como mediador ser essencial.

Com base nesses fatos, o presente artigo possui como objetivo comentar um pouco do percurso da leitura em um contexto geral e brasileiro para posteriormente falar do papel do professor como mediador e da necessidade de se investir nos cursos de licenciatura, haja vista que o professor que formará os futuros leitores precisa ser primeiramente um leitor. Por último abordaremos o valor da literatura infanto-juvenil para a formação de leitores.

## A leitura

A leitura possui diversas definições e motivos distintos. Atualmente, observa-se que muitas vezes a realidade social e política da criança são ignoradas e consideradas irrelevantes no processo de aprendizagem. Busca-se tanto o ensino da gramática culta padrão que não se oferece espaço nem tempo para analisar as ricas distinções culturais presentes numa sala de aula, que poderiam fornecer um crescimento intelectual muito grande para cada ser integrante do processo. Outro grande problema é o fato dos professores subestimarem seus alunos e não levarem os textos literários completos para dentro da sala de aula seja por acreditarem que os estudantes não lerão ou pela falta de tempo.



Dessa forma, faz-se necessário reconhecer que o meio onde o educando está inserido é um fator de essencial importância para que o aprendizado se concretize plena e continuamente, observando sempre que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, sendo que ambas se complementam, sucessiva e simultaneamente. Além disso, os professores, que são os principais mediadores entre o conhecimento e os alunos, devem estar sempre atentos ao material que fornecem, buscando analisá-lo, selecionar as atividades, não se submetendo à censura presente nos mesmos e que é impulsionada pelas ideologias e políticas dominantes. Afinal a leitura como ato político pode libertar ou aprisionar, Paulo Freire disse que “a compreensão do texto ao ser alcançado por suas leituras críticas implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1989, p.11), ou seja, ter acesso a livros e outros materiais de leitura e enxergá-los criticamente nos confere competência para detectar discursos ideológicos que apresentam como objetivo manter o povo calado e submisso; a ideologia tem um poder de persuasão indiscutível. “O discurso ideológico nos ameaça de anestésias a mente, de confundir a curiosidade, de distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos” (FREIRE, 1989, p. 132), isto é, precisamos ter conclusão própria do que lemos, necessitamos de pensamento autônomo, de independência e só conseguiremos isso se possuímos habilidade para removermos as ideologias presentes nos textos.

Jorge Amado, por sua vez, atribuiu à leitura capacidade de despertar os indivíduos para os problemas nacionais, sociais e outros e para torná-los aptos a lutar contra eles. Em seu livro *Agonia da noite*, fica evidente a importância da leitura para despertar o sentimento de revolta, o personagem Nestor sente a necessidade de aprender a ler e escrever para explicar os livros para os demais companheiros e dessa forma despertar o mesmo sentimento de revolta que ele possuía nos demais. Isso fica evidente no seguinte trecho:

Nestor completou já seu vigésimo quinto aniversário e só agora aprende a ler e a escrever, não é fácil, por vezes parece-lhe impossível poder conduzir a mão, dirigi-la no desenho das vogais e consoantes. [...] Nos primeiros dias, quando os olhos se enevoavam e se recusavam a fixar separadamente cada um daqueles misteriosos signos do alfabeto, ele



pensara se desesperar e mesmo lágrimas de raiva sentira nascer, ardendo, em suas pupilas. Mas era necessário: como ler para os demais aqueles papéis esclarecedores se ele mesmo não soubesse ler? Como estudar os livros dos quais Gonçalo falava? Não bastava sentir o fogo da revolta crescendo dentro dele, fazia-o preciso acendê-lo em todos os demais, e para isso era necessário saber ler e escrever. (AMADO, 1964, p.28).

434

Verifica-se nessa passagem que a leitura é mais que uma simples ideia qualquer, ela é um ideal preparado para ser concretizado. É possível perceber também que embora a leitura se realize como uma prática, que se exerce individualmente, ela resulta em transformações de pensamento e atitude não só no indivíduo, mas na sociedade em que o mesmo vive.

A leitura que fazemos intelectualmente, politicamente ou socialmente de nós mesmos ou de uma determinada pessoa pode mudar o sentido que temos da mesma ou da sociedade como um todo, pois leitura é mais que ler um livro, um recorte de jornal; é ler o mundo que nos rodeia e as pessoas que fazem parte e são integrantes do mesmo.

Com a emergência da sociedade capitalista a leitura passou a ser mais valorizada e vista como critério para o ingresso do indivíduo na sociedade, ela, a leitura, começou a distinguir o homem alfabetizado do não alfabetizado, o homem culto do inculto e colaborou para a acentuação nas diferenças entre as classes sociais, ou seja, ela é também uma questão de *status* social e poder. Sugere a intelectualidade, domínio de conhecimento e até mesmo superioridade. Desde as épocas mais arcaicas até os dias atuais, quanto maior o conhecimento de uma pessoa, maior respeito ela conquista.

Além disso, o domínio da leitura e da escrita hoje é essencial, pois permite receber e transmitir conhecimentos e fatos, e, mais que isso, se inteirar mais aprofundadamente do seu cotidiano, pois permite maior participação na vida cultural, política e econômica de qualquer sujeito.

Para iniciar-se uma discussão sobre leitura, é importante imaginarmos o porquê dela. Tudo que demonstra ter um motivo faz sentido para nós. Caso contrário, torna-se vazio. O mesmo se aplica a leitura: ou ela dá um sentido ao





mundo, ou não terá sentido algum. Um autor que defende grandemente essa ideia é Paulo Freire. Para ele:

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...] linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1989, p. 1).

435

Outro autor importante que reforça a ideia de Freire é Ezequiel T. da Silva, pois o mesmo afirma que:

Se um texto, quando trabalhado, não proporcionar o salto do leitor para o seu contexto, [...] e mais, se o contexto do texto lido não proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa ou busca se situar, então a leitura perde a sua validade. (SILVA, 1998, p.5).

Uma autora que acrescenta alguns conceitos à visão da “leitura do mundo” de Paulo Freire é Marisa Lajolo (1997, p. 85), utilizando como exemplo as obras de Machado de Assis: “da cordialidade à impaciência dos piparotes, da solidariedade ao distanciamento irônico, à medida que a obra de Machado amadurece literariamente e semelhantemente às relações autor-público, as relações narrador-leitor vão sofrendo alterações.” Ou seja, para Lajolo, conforme se aprofunda uma leitura, muda-se o horizonte, muda-se a compreensão alcançada, os conceitos tomam novas dimensões.

Segundo Maria Helena Martins (2007, p.29), “ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular”. Com essa frase Martins demonstra que muitas vezes tem-se receio em aprofundar leituras desconhecidas ou que discorram sobre ideologias diferentes das acreditadas até então. Isso porque a leitura tem um papel transformador muito grande, e a cada nova leitura feita adquirem-se novos conhecimentos que eram ignorados. Maria Helena acrescenta que:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem,



conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo suas dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 2007, p.35).

O que a autora quer nos dizer é que o professor precisa criar condições para que os alunos leiam a partir de seus próprios interesses, é claro que em uma turma haverá interesses divergentes, mas se o professor for um leitor assíduo ele será capaz de encontrar uma obra para trabalhar que se aproxime do interesse e da necessidade da turma. Além disso, o professor precisa ter o gosto pela leitura e precisa transmitir sua paixão por ler, dessa forma, os alunos compreenderão o verdadeiro sentido da leitura. Angela Kleiman (2004) afirma que “para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura” (p. 15), a autora pretende dizer que o espelho dos alunos é o professor, e para inculcar em seus alunos o gosto por ler, ele deve gostar, e transmitir o real motivo para desenvolver o hábito pela leitura.

Incentivar as crianças ao hábito desde cedo também contribui para que eles cresçam leitores, pois quanto mais cedo os adultos instigarem as crianças a explorarem a leitura e a escrita, mais cedo as mesmas terão sua curiosidade despertada, e é a partir desse momento que ela atinge um conhecimento mais aprofundado sobre qualquer aprendizado e cresce desenvolvendo um senso crítico. Além disso, o aprendizado da leitura depende da criança atribuir sentido àquilo que está sendo pedido para ela fazer, que ela tenha o material disponível e que, nas primeiras vezes, tenha a ajuda indispensável do professor. Assim, a tarefa que poderia ser complicada, torna-se prazerosa e agradável. Contudo, antes da leitura são necessárias algumas medidas, como a motivação que o professor deve despertar no aluno, o sentido que a leitura faz para este, o fato de a criança saber o que tem de fazer, sentir que pode fazê-lo e se interessar por tal tarefa. O professor deve sempre despertar a curiosidade de seu aluno e para isso, é necessário que ele conheça os interesses de seus aprendizes e assim leve para a sala de aula, textos que façam sentido para eles e que os desafiem a aprender sempre mais. Para isso o professor precisa ser leitor e isso deve ser incentivado na sua formação acadêmica.



## O professor

437

Uma pesquisa realizada pela Área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita (FVC) em 2009 sobre carreiras no Brasil, demonstrou que apenas 2% dos alunos do Ensino Médio das escolas públicas escolhem ser professor. (RATIER, 2009, P. 2). Isso demonstra nosso primeiro problema, devido à baixa remuneração, muitos alunos estão optando por fazerem outros cursos que não os de licenciatura pensando em salários mais satisfatórios depois de formados.

Dessa forma muitos bons leitores e que seriam bons mediadores acabam em outras profissões, muitas vezes esses alunos até cogitaram a licenciatura e gostariam de seguir carreira, mas acabaram desanimando.

Aliado a esse fato está o de muitos alunos escolherem a licenciatura por acreditarem ser um curso mais fácil, ou pela concorrência no vestibular ser menor fazendo com que todos os anos milhares de profissionais da educação básica se formem, porém nem metade deles são realmente leitores, a realidade apresentada hoje é que muitos formados que não tem o hábito da leitura, mas mesmo que nos detenhamos nos profissionais que possuem o costume de ler ainda há muitos problemas pelo caminho.

Dentre esses impasses está o fato do livro custar muito no Brasil e embora muitos sejam encontrados na internet, nem tudo está disponível, o acesso a um bom acervo literário ainda é limitado.

Outra questão é a biblioteca escolar que deveria ser um local privilegiado no contexto escolar, um espaço convidativo, arejado e agradável, entretanto muitas escolas não possuem um bom espaço.

Muitos fatores prejudicam o ensino da leitura, um deles é a falta da disciplina de literatura, ou seja, quando a literatura não está atrelada a matéria de português e por isso ocupa só um pequeno espaço nas aulas, no qual se comenta um pouco



sobre o livro com base apenas na leitura de fragmentos que o livro didático apresenta.

Ensinar a leitura do texto literário é mais do que apresentar obras e autores sugeridos para o vestibular ou comentar a história literária, porém a sociedade não pode responsabilizar apenas o professor por esse quadro de ensino não mudar, ele, o professor, tem sua parcela, é necessário que o educador seja um leitor e que estimule o aluno a ultrapassar sua capacidade de leitura para atingir não somente o conhecimento de literatura, mas uma visão da realidade que o cerca, deve buscar mais qualidade a quantidade de leitura para que assim alcance um ensino verdadeiramente produtivo e instigue o gosto pela leitura, pelo novo, pela descoberta, pelo saber, mas a sociedade em geral também precisa mudar, na realidade são necessárias mudanças constantes tanto por parte da sociedade quanto por parte dos professores, dos alunos e dos pais.

É necessário compreender que ler é aprender, encontrar sentido, construir significado e ser ativo na leitura, criar expectativas e as confirmar ou negar, tendo prazer nessa atividade. É preciso enxergar que a finalidade da leitura é construir uma nova realidade e para isso se faz necessário alguns caminhos para a formação do leitor, e isto inclui: bons profissionais, livros selecionados pelos professores, propostas de ensino coerentes, incentivo à crítica e aos “porquês” da leitura.

Nesse sentido, é possível perceber o papel fundamental que a leitura crítica tem: a transformação. A leitura deve ser baseada na própria independência, o sentido da crítica já está intrínseco e deve ser bem fundamentada pelo conhecimento de mundo que cada um carrega; mesmo um conhecimento limitado deve ser usado, o que não pode ser feito é aceitar o que está escrito com passividade e ingenuidade. Segundo Virginia Woolf em Ezequiel T. Silva (1998, p. 35) “o único conselho sobre leitura [...] é não seguir conselhos, mas basear-se nos seus próprios instintos, usar a sua própria inteligência, tirar as suas próprias conclusões. [...] independência é a qualidade mais importante de qualquer leitor”. Não se deve basear em ideias ou leituras alheias, é preciso ser um leitor independente e é essa leitura independente que o professor deve incentivar.





Além do aspecto crítico que a leitura traz, o indivíduo que lê amplia seu conhecimento e seu mundo imaginário. A leitura muda o homem, principalmente a leitura de textos literários, o indivíduo se sente sonhador, capaz de compreender os sentimentos de outrem. Conforme Thimóteo e Gonçalves (2009), a leitura possui “múltiplos prazeres” e vários motivos:

439

Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também para apreciarmos a beleza da linguagem, para nos comovermos, para nos inquietarmos. Lemos para partilhar, para sonhar e para aprender a sonhar. Lemos até para esquecer. (THIMÓTEO, GONÇAVES, 2009, p.15).

Juntamente com o texto literário, a leitura nos proporciona o que as autoras citaram, ela pode nos comover, assim como também pode nos deixar inquietos quando percebemos as mazelas mundanas.

### O professor como mediador

Partindo do que Lajolo escreveu (1998), de que o professor deve ser leitor e de tudo o que já citamos a respeito disso, defendemos aqui que para alguém ensinar a ler ou ajudar a despertar o gosto pela leitura e o pensamento crítico é necessário ele mesmo ser um leitor. Como afirma a escritora Ana Maria Machado: “[...] imaginar que quem não lê pode fazer ler é tão absurdo quanto pensar que alguém que não sabe nadar pode se converter em instrutor de natação”. (MACHADO, 2001, p. 122).

A criança, o adolescente, precisa de um exemplo e infelizmente a realidade brasileira é que poucos pais leem e podem servir de modelo para os jovens. E o professor acaba sendo o único responsável por passar essa imagem de leitor para os alunos.

O professor deve comentar sobre o que está lendo, compartilhar com os alunos a sua impressão sobre o texto, contar um pouco da história sem desvendá-la



por completo para que dessa forma o aluno fique curioso para saber o que acontece e observando o entusiasmo do professor também se anime a ler.

Ao descrever resultados de uma pesquisa sobre leitura realizada na Áustria, Bamberger elencou alguns fatores que influenciavam as crianças a lerem, esses fatores eram:

440

Têm geralmente um relacionamento muito bom com o professor, o qual, por sua vez, leitor entusiasta, procura fazer com que os alunos experimentem na leitura um prazer idêntico ao seu; frequentam aulas de professores interessados e informados, que possuíam boa provisão de material de leitura (biblioteca nas salas de aula); foram “induzidos à leitura” por um contínuo contato com livros e métodos especiais de ensino moderno de leitura. (BAMBERGER, 1995, P. 20).

Isso demonstra o quanto os atos dos professores contagiam os alunos, o professor necessita perceber sua importância no processo de formação de leitores, precisa entender que ele é o mediador entre o livro e o leitor. É vital que o professor prepare o aluno para receber a obra e assim diminuir a distância entre ambos como comenta Ana Elvira em seu livro “a distância pode ser atenuada ou suprida, pela forma como o material se apresenta, pelo estímulo dado para o envolvimento com o texto no próprio texto e também por uma certeza [...] de que a interação é possível, prazerosa e enriquecedora. (GEBARA, 2002, p. 30).

## A literatura

A literatura pode ser vista como uma forma variada de sentidos, temas, elementos e expressões, a união da leitura e da literatura mostra motivos ao indivíduo para que ele observe melhor as pessoas e as situações que o envolvem, para que os avalie e seja capaz de compreendê-los. Dessa forma, a literatura é uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento da leitura. A literatura tem o poder de



nos comover, nos fazer criativos e nos fazer pensar, ela transforma o indivíduo que lê e o meio que ele está inserido.

Ao mesmo tempo em que se reflete como realidade vivida, a literatura também pode refletir o contrário: a fuga da realidade, ou a representação de ideais e expressão de pensamentos por meio das palavras. Em suma, podemos compreender a literatura ela está descrita nas palavras da autora Maria Knuppel:

441

A literatura torna as pessoas críticas, criativas, capazes de assumir com responsabilidade e coletivamente a missão da transformação do meio social, pois ela é uma forma de expressão [...] é um patrimônio cultural. (KNUPPEL, 2009, p.129).

Podemos perceber nesse trecho que a literatura apresenta um mundo de possibilidades para o indivíduo. E a abertura das portas desse mundo ocorre por meio da literatura infanto-juvenil. Nas palavras de Regina Zilberman (2003, p. 25) em *A literatura infantil na escola*, “tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem” e por esta razão que duas instituições devem provar sua utilidade quando se tornarem espaço para a criança refletir sobre sua condição pessoal. Em suma, a literatura e a escola devem caminhar juntas com o propósito de formar leitores críticos, e esse objetivo deve começar já nas séries iniciais com a literatura infanto-juvenil, assim que a criança aprende a ler a palavra ela deve aprender a analisar o mundo em que vive para que assim a nova geração possa aos poucos ir transformando a sociedade que habita.

## Considerações finais

Sabemos que por meio da leitura, o ser humano desenvolve sua capacidade crítica em relação ao mundo em que está inserido, sabemos também que a literatura dá suporte para que o ser leitor desenvolva seu senso crítico, isto é, a



leitura juntamente com a literatura tem o poder de transformação e independência do indivíduo.

A leitura e a literatura precisam ser ensinadas desde cedo, pois assim a criança cresce desenvolvendo sua própria visão do mundo. Nessa questão encontramos vários problemas como o ensino precário da literatura, a falta de incentivo à leitura nas escolas, a má formação dos profissionais de educação, a falta de uma disciplina específica para a literatura, o pouco tempo, etc.

A leitura precisa ser prazerosa e espontânea, deve fazer sentido, deve ter um motivo, o aluno precisa compreender o porquê ler, ele precisa se sentir atraído por textos que tenham conteúdos significantes.

Infelizmente, ainda vemos nas escolas o ensino superficial da literatura onde os profissionais buscam apenas ensinar datas e períodos literários e esquecem-se do próprio texto literário, não estudam e não aprofundam a leitura e focam apenas no que é cobrado pelo vestibular.

Atentamos para a importância da leitura do texto literário, principalmente do texto literário infanto-juvenil que abre caminho para a formação de um leitor.

Constatamos também que o profissional precisa estar apto para incentivar e ensinar a leitura, que o papel do professor como mediador é fundamental para que os alunos tomem gosto pela leitura e que o professor não pode exercer bem esse papel se ele não for um leitor.

Notamos que, primeiramente, devemos nos preocupar com a formação do professor para então nos preocuparmos com a formação de alunos leitores e que hábito da leitura é algo cultural e embora o Brasil não seja um país com um grande número de leitores isso precisa mudar e são as pequenas iniciativas que vão aos poucos transformar a nossa cultura em uma de pessoas leitoras e críticas. Nessa perspectiva, é possível citar o que dizem as autoras Maria Thimóteo e Rosana Gonçalves:

Ensino da Literatura legitima-se na convicção de que a leitura de textos literários constitui um componente relevante na formação cultural do leitor e





no seu reconhecimento do mundo, dos outros e de si mesmo. (THIMÓTEO, GONÇALVES, 2009, p.17).

É possível concluir então, que a literatura tem grande importância na vida do ser humano, a partir dela ele não é apenas mais um indivíduo na sociedade, mas sim um ser pensante que tem uma visão diferente dos demais.

Por fim, acreditamos que apesar de todas as dificuldades é possível sim ser um professor mediador e que a leitura, nessa perspectiva, é um projeto social inadiável e uma conquista possível. A leitura é uma competência em permanente construção, uma porta de entrada para novos mundos, um caminho para verdadeira inserção na sociedade, e o texto literário é um dos principais aliados nessa conquista.

443

## Referências

AMADO, Jorge. *Agonia da noite*. Ed. São Paulo: Martins, 1964.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ática, 1995.

BRAIT, Beth. Estudos linguísticos e literários: fronteiras na teoria e na vida. In: FREITAS, Alice Cunha de; CASTRO, Maria de Fátima F. Guilherme de. et al. (Orgs.). *Língua e literatura: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2003.

CARAZZAI, M.; TEIXEIRA, N.; GONÇALVES, R. (org.). *Língua, leitura e literatura: perspectivas de ensino*. Guarapuava: Unicentro, 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989

GEBARA, Ana Elvira Luciano. *A poesia na escola*. São Paulo: Cortez, 2002.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 10ª ed. Campinas: Pontes, 2004.

KNÜPPEL, Maria Aparecida Crissi. *A escolarização da Leitura Literária: Uma abordagem didática com o gênero literário – Poema*. In Teixeira, Nírcia Cecília



Ribas Borges et al, *Língua, Leitura e Literatura*. Guarapuava Pr. Editora UNICENTRO. 2009.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. et al. (Org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9. Ed. Porto Alegre: Mercado Alberto, 1998.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leitura e escritos*. R. Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA. Brasília: 1998 <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em 05 nov.2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *As flores da escrivaninha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PRADO, Melina Cristina Costa; FREIRE, Enes Carvalho; RESENDE, Millene Camargos. *Literatura em sala de aula: uma avaliação dos processos de ensino*. Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas. Volume 2, n° 1, p. 101-120, Março de 2010.

RATIER, Rodrigo. *Uma carreira desprestigiada*. In: Revista Nova Escola. 2009. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/pdf/atratividade-carreira.pdf>> Acesso em: 20 de ago. de 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos de pedagogia da leitura*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THIMÓTEO, Maria. GONÇALVES, Rosana. *Ler acima de todas as coisas*. In: ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.